

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Cadeira mostra que violência política migrou para São Paulo

O jornalista, cineasta e escritor Jorge Oliveira acaba de lançar mais um livro-reportagem, *Arena de Sangue*, disponível na Amazon. Trata da influência dos políticos de Alagoas na vida nacional. Segundo ele, desde o início da Primeira República, o estado “não desgruda do poder como carrapato”. Alagoas produziu os dois primeiros presidentes da República, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.

Também esteve à frente do complô para matar Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil da República; influenciou o Estado Novo com o general Góes Monteiro; marcou presença na redemocratização do país com Fernando Collor de Mello, eleito presidente pelo voto direto em 1989; e com o senador Renan Calheiros (MDB), que presidiu o Senado, e os deputados Aldo Rebelo e Arthur Lira (PP), à frente da presidência da Câmara dos Deputados.

Mas o caso que nos interessa ocorreu há mais de 60 anos, em 4 de dezembro de 1963, uma quarta-feira, na nova capital federal, Brasília. O senador Arnon de Mello, pai do ex-presidente Collor, disparou contra o parlamentar Silvestre Péricles de Gois Monteiro no plenário. O segundo disparo, no entanto, acertou o abdômen do congressista José Kairala (PSD-AC), que não resistiu aos ferimentos e morreu horas depois do tiro, no Hospital Distrital de Brasília. Kairala não tinha nada a ver com a briga.

O político acreano era suplente de José Guimard, que havia tirado licença médica e tinha levado a família de Basileia para a nova capital da República para vê-lo no exercício de senador. Falta de diálogo, brigas e ameaças de morte permeavam o clima no Senado naquele dia. Péricles havia prometido matar Arnon, que pôs um revólver Smith Wesson calibre 38 na cintura e marcou discurso para desafiá-lo.

“Senhor presidente, permita Vossa Excelência que eu faça meu discurso olhando na direção do senhor senador Silvestre Péricles de Gois Monteiro, que ameaçou de me matar, hoje, ao começar meu discurso”, disse Arnon. Péricles partiu para cima de Arnon, gritando “crápula”. Arnon sacou o revólver, mas antes que atirasse, Péricles jogou-se ao chão, enquanto sacava sua própria arma.

O senador João Agripino (UDN-PB) atracou-se com Péricles para tirar-lhe a arma. Kairala tentou ajudar, mas foi atingido pelo segundo disparo de Arnon. Quando presidente do Senado, Auroro de Moura Andrade, reassumiu o controle da situação e pediu que removeassem os dois rivais do plenário, ouviu-se o grito: “Há um ferido, Excelência!”

Arnon chegou a ficar algumas horas preso, mas foi liberado sob alegação de que agiu em legítima defesa. O político disse que vinha sendo ofendido e ameaçado por Silvestre Péricles há anos e que também foi insultado durante discurso no plenário.

Marçal e Datena

A violência, que já foi uma característica da política de Alagoas, parece ter migrado para São Paulo. Até agora, ninguém morreu. Entretanto, a virulência dos ataques pessoais entre os candidatos, protagonizada sobretudo pelo influenciador Parlo Marçal (PRTB) marca os debates eleitorais.

Domingo à noite, descambou para a violência física. O apresentador José Luiz Datena (PSDB) não chegou a puxar uma arma, mas agrediu Marçal com uma cadeira, no debate realizado na TV Cultura. O caso foi registrado no 78º Distrito Policial (Jardins) após a confusão. Marçal chegou a ser hospitalizado, com traumatismo no tórax e ferimento na mão.

Marçal também anunciou que processará Datena por agressão e pedirá a cassação do registro de sua candidatura. O advogado de Datena, Eduardo Cesar Leite, afirmou que representará criminalmente contra Marçal, por calúnia e difamação.

O episódio foi o desfecho de um debate pautado por agressões pessoais, cuja gota d’água foi um desafio de Marçal: “Você é um arregão. Você atravessou o debate esses dias para me dar tapa e falou que você queria ter feito. Você não é homem nem para fazer isso. Você não é homem”.

Na sequência, Datena agrediu Marçal com uma cadeira. A turma do deixa-disso evitou uma segunda cadeirada e o programa foi interrompido pelo apresentador Leão Serva.

A sequência completa do bate-boca está bombando nas redes sociais. Bem ao seu estilo, Marçal compara a cadeirada que levou à facada recebida por Jair Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018 e ao tiro que Donald Trump levou de raspão, na orelha, num comício de campanha pela volta à Presidência dos Estados Unidos.

Datena admite que errou, mas diz que faria tudo outra vez, nas mesmas circunstâncias. Nas redes sociais, esse é o assunto mais comentado no Brasil, com surpreendente vantagem para o candidato tucano, que parecia um candidato prestes a jogar a toalha. O prefeito Ricardo Nunes (MDB), candidato à reeleição, Guilherme Boulos (PSol), Tabata Amaral (PSB) e Marina Helena (Novo) lamentaram a baixaria, responsabilizaram Marçal pela escalada das agressões. Porém, condenaram Datena pela agressão física.

Fora do ar

Enquanto isso, o WhatsApp da Lex, personagem da inovadora candidatura a vereador de Pedro Markun (Rede), criada com inteligência artificial, para debater propostas com os eleitores nas eleições de São Paulo, foi retirada do ar pela Meta. O candidato notificou a big tech e quer saber a razão da interdição. A Meta é dona do Facebook Messenger, Facebook Watch e Facebook Portal. Também adquiriu o Instagram, o WhatsApp, o Oculus VR, o Giphy e o Mapillary.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Ataque pode não dar dividendo a ex-coach

Analistas ouvidos pelo **Correio** têm dúvidas se Marçal fatura eleitoralmente com a agressão que sofreu, sobretudo ao compará-la aos atentados contra Bolsonaro e Trump

» CAMILA CURADO

Pouco depois de Pablo Marçal ser levado ao hospital Sírio-Libanês para receber atendimento médico em função da cadeirada que levou de José Luiz Datena, no debate da TV Cultura entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo, na rede social do postulante do PRTB subia um “card” que comparava a agressão do candidato do PSDB com a facada tomada por Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018, em Juiz de Fora (MG), e com o atentado contra o candidato republicano à Presidência dos Estados Unidos Donald Trump, vítima de um tiro de raspão, em julho. A montagem com imagens vinha acompanhada de legenda com uma pergunta: “Por que todo esse ódio?”

A comparação, porém, pode não trazer o efeito desejado por Marçal, que quis colocar no mesmo patamar a agressão de Datena contra ele aos atentados sofridos por Bolsonaro e Trump. Isso porque, à parte o exagero da comparação, o candidato do PRTB fala para seus próprios apoiadores. Para o professor Fernando Schuler, do Inesper de São Paulo, posts como este têm pouco potencial de trazer votos para Marçal.

“A facada do Bolsonaro e o tiro do Trump foram casos graves de risco de vida — a cadeirada, não. Tem até um lado pastelão nisso. Sou muito cético de que esse episódio faça com que ele tenha um grande resultado”, comentou.

Para Schuler, “o fato de Marçal ter conquistado um público digital que, apesar de barulhento, é uma minoria, ainda é a minoria digital. A minoria ativa pesa no jogo, e o político acaba falando mais para ela. Todo o gesto dele é feito pensando em produzir imagem para engajar em rede social”. O professor lembra que o meio digital recruta o ativista radical, de esquerda ou de direita. Ele salienta, porém, que a maioria da sociedade é pouco engajada e “silenciosa”.

Na pesquisa Datafolha divulgada na semana passada, Marçal caiu para a terceira posição na intenção de voto e apresentou rejeição de 44% pelo eleitorado. “Ele é um produto de laboratório e, em dois meses, tornou-se um fenômeno político. Só que também gera muita rejeição”, avalia.

Já para Marcelo Alcântara, gerente de análise político-econômica na Prospectiva Consultoria, a cadeirada terá o efeito de diminuir a rejeição de Marçal, mas não a ponto de impactar favoravelmente os resultados que vêm sendo detectados pelas sondagens junto aos eleitores. “As pesquisas das últimas quatro semanas apontaram resultados muito diferentes, o que demonstra um cenário de muita incerteza”, aponta.

Marcelo não vê como Datena ganhe com o episódio. “É um candidato que jogou a toalha, mostrou que não quer ganhar as eleições. E isso se intensificou com a agressão a Marçal, demonstrando enorme falta de equilíbrio emocional”, lamenta.

Fato político

Para Eduardo Grin, especialista em Administração Pública e Governo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marçal parece ter buscado criar um episódio que chamasse a atenção da mídia. “A intenção era gerar um fato político que o colocasse como vítima, especialmente porque estava perdendo espaço nas pesquisas”, lembra.

Flavia Biroli, professora de Ciência Política na Universidade de Brasília (UnB), acredita que Marçal sempre ganha com a visibilidade, mesmo que o público a perceba como negativa. “Ele aposta nas redes, procura se fazer ver independentemente da capacidade política e das propostas que tem”, explica. (Com Agência Estado)

Reprodução/Redes sociais



No “card”, Marçal iguala cadeirada aos atentados de Trump e Bolsonaro



O fato de Marçal ter conquistado um público digital que, apesar de barulhento, é uma minoria, ainda é a minoria digital. A minoria ativa pesa no jogo, e o político acaba falando mais para ela. Todo o gesto dele é feito pensando em produzir imagem para engajar em rede social”

Fernando Schuler, professor do Inesper de São Paulo



(Datena) é um candidato que jogou a toalha, mostrou que não quer ganhar as eleições. E isso se intensificou com a agressão a Marçal, demonstrando enorme falta de equilíbrio emocional”

Marcelo Alcântara, gerente de Análise Político-Econômica na Prospectiva Consultoria

Viver em Brasília é viver melhor.

Pesquisa confirma que Brasília é a capital com melhor qualidade de vida do Brasil.

O levantamento IPS (Índice de Progresso Social) Brasil 2024 apontou que Brasília lidera o ranking de capitais com melhor qualidade de vida do país. O estudo foi realizado com base em características como saúde, segurança, cidadania, educação e meio ambiente, entre 53 indicadores. Na área de saneamento, por exemplo, o Distrito Federal alcançou 98,99% em atendimento de água e 92,30% em atendimento de esgoto*. O GDF trabalha para melhorar cada vez mais a qualidade de vida de todas as nossas cidades. O que já é bom vai ficar ainda melhor.

Desempenho das capitais

Qualidade de vida em valores de 0 a 100
Índice de Progresso Social (IPS) - Brasil 2024

Capital	UF	Índice
Brasília	DF	71,25
Goiânia	GO	70,49
Belo Horizonte	MG	69,62
Florianópolis	SC	69,56
Curitiba	PR	69,36
São Paulo	SP	68,79
Cuiabá	MT	68,47
Campo Grande	MS	68,21
Palmas	TO	68,07
Aracaju	SE	67,89



*Dados do Instituto Trata Brasil

